

Gilberto Meirelles Passos

Professor no Laboratório de Habilidades Médicas do
Curso de Medicina do Centro Universitário Lusíada e do
Grupo de Teatro do UNILUS.

*Artigo recebido em novembro de 2016 e
aprovado em dezembro de 2016.*

A IMPORTANCIA DO PACIENTE SIMULADO COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO MÉDICO

RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo avaliar a importância do Paciente Simulado no Laboratório de Habilidades Práticas do Curso de Medicina do Centro Universitário Lusíada - UNILUS, utilizando-se o estudo de caso como modalidade de pesquisa qualitativa. Esta metodologia foi escolhida por poder descrever e avaliar a experiência desenvolvida no Laboratório de Habilidades Práticas onde o Paciente Simulado é utilizado como instrumento pedagógico. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos de graduação do 1º ao 5º ano que vivenciaram a experiência do Paciente Simulado no Laboratório de Habilidades Práticas, e os professores que utilizam o mesmo em sua prática pedagógica. Os resultados apontaram que o uso do Paciente Simulado mostrou-se um instrumento pedagógico válido que auxilia tanto o professor quanto o aluno no processo de aprendizagem prática do futuro médico.

Palavras-Chave: paciente simulado; laboratório de habilidades práticas; instrumento pedagógico.

THE IMPORTANCE OF THE SIMULATED PATIENT AS A PEDAGOGICAL RESOURCE IN THE TRAINING OF THE PHYSICIAN

ABSTRACT

This study had as main objective to evaluate the importance of the Simulated Patient in the Laboratory of Practical Skills of the Medical Course of the University Center Lusíada - UNILUS, using the case study as a qualitative research modality. This methodology was chosen to be able to describe and evaluate the experience developed in the LPS where the SP is used as a pedagogical instrument. The subjects of the research were undergraduates from 1st to 5th year who experienced the experience of the SP in the LPS, and the teachers who use the same in their pedagogical practice. The results showed that the use of the SP was a valid pedagogical tool that assists both the teacher and the student in the practical learning process of the future doctor.

Keywords: simulated patient; Laboratory of practical skills; Pedagogical instrument.

INTRODUÇÃO

Os cursos de medicina vêm modificando seus currículos, com objetivo de formar profissionais generalistas, críticos e reflexivos com capacidade para atuar nos diferentes níveis de atenção, na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação na área de saúde, tanto individualmente como coletivamente, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais.

Baseado nas DCNs, que sugerem novas tecnologias de ensino e aprendizagem, foi utilizada esta metodologia centrada no estudante e orientada ao paciente, permitindo uma modificação do olhar diagnóstico do futuro médico, melhorando, assim, a interação do trabalho em equipe em relação à promoção da saúde, e reabilitação das doenças usando técnicas adequadas de Comunicação com o paciente, familiares e comunidade.

Dentre as novas metodologias ativas de ensino e aprendizagem sugeridas pelas DCNs, as mais utilizadas são a Aprendizagem Baseada em Problemas e a Problematização. E para isso uma das estratégias utilizadas na formação profissional do médico tem sido a utilização de Pacientes Simulados e simuladores visando o desenvolvimento da comunicação, atitude ética, história clínica e treinamento de exame clínico entre outros aspectos.

O Curso de Medicina do Centro Universitário Lusíada - UNILUS implantou em 2010 um novo Projeto Pedagógico (PPC) e, de acordo com as DCNs do Curso de Graduação em Medicina, criou o Laboratório de Habilidades Práticas (LHP) e, por consequência, o uso do Paciente Simulado (PS).

Após cinco anos de vivência diária com essa modalidade de ensino, dentro do Laboratório de Habilidades Práticas, decidiu-se eleger como objeto de estudo a avaliação desse processo posto que, a implantação do mesmo foi um grande desafio para os docentes que o integram.

A par deste processo inovador para o curso de medicina do UNILUS, existem poucas experiências desse tipo implantadas em outras IES, o que resulta em escassa literatura sobre o assunto, motivo pelo qual foi estudado com mais profundidade o tema nesta em que foi desenvolvido as atividades docentes por mais de uma década.

Nas atividades dentro do LHP, utilizam-se basicamente os recursos dos jogos dramáticos no desenvolvimento das aulas. Os jogos dramáticos auxiliam os estudantes de Medicina a enfrentar no Laboratório de Habilidades Práticas, situações rotineiras tais como: consultórios, hospitais, ambulatórios, etc.

Trata-se de um recurso inovador em relação às estratégias didáticas pedagógicas que vem sendo utilizado com sucesso há cinco anos na Faculdade de Ciências Médicas do UNILUS e que representam um diferencial neste complexo mosaico que retrata o atual cenário das escolas médicas em nosso país

A inserção do teatro adequa a educação médica às competências definidas pelas DCNs do Curso de Graduação em Medicina com emprego de metodologias ativas de ensino-aprendizagem para compreensão e proposição de soluções.

Outra forma de se utilizar a dramatização consiste em treinar pacientes padronizados ou simulados. A estratégia não se limita à finalidade de comunicação de más notícias ao paciente, podendo estender-se à própria formação geral do aluno de Medicina em outros assuntos ao longo do curso.

Do ponto de vista prático, quando se introduz o role playing com pacientes padronizados, em pequenos grupos ou individualmente, a prática torna-se realística. Os atores que fazem o papel de pacientes simulados podem ser comuns, ex-pacientes ou pessoas ligadas à universidade e devidamente treinadas, podendo-se também introduzir sobreviventes de câncer para exercerem o papel de pacientes simulados (BONAMIGO e DESTEFANI, 2010).

Nesta direção, o Laboratório de Habilidades Práticas (LHP) representa uma alternativa de apoio pedagógico, atuando como atividade antecipatória nas práticas de treinamento de habilidades com o paciente, preparando o estudante para o exercício técnico e intelectual de sua futura profissão pautado nos preceitos da Bioética. Para efetuar este estudo, optou-se pela pesquisa qualitativa na modalidade estudo de caso, que teve como principal objetivo: avaliar a importância do Paciente Simulado (PS) no LHP como recurso pedagógico na formação do médico.

O PACIENTE SIMULADO NO LHP NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO MÉDICA.

Alguns anos atrás, o estudante de medicina treinava diretamente em pacientes dentro das enfermarias e ambulatórios dos hospitais. Atualmente este treinamento é realizado antes em modelos e manequins simuladores e/ou Pacientes Simulados (atores) dentro de um laboratório chamado de LHP que foi instituído por alguns cursos de medicina a partir das DCNs. Os cursos utilizam nomenclaturas diferentes, porém com a mesma finalidade.

No LHP, há um treinamento das técnicas do exame clínico antes do contato com o paciente. Por exemplo, a Anamnese é ensinada e treinada utilizando-se Paciente Simulado (ator) que encena toda uma história clínica.

Já o exame físico é ensinado e treinado utilizando-se de modelos e manequins que simulam reações humanas em diversas situações clínicas ou também Pacientes Simulados (atores), em algumas situações que não seja possível a realização do exame no manequim.

Tanto os manequins e os Pacientes Simulados não substituem os pacientes, mas antecedem o contato com eles, que neste caso será realizado dentro de diversos cenários de prática.

A vivência no LHP favorece o desenvolvimento de habilidades específicas no intuito de capacitar para a prática hospitalar com o aperfeiçoamento de técnicas e procedimentos médicos, e também é utilizado para proporcionar ao estudante conhecimento e treinamento nas habilidades de comunicação necessárias para a adequada relação médico-paciente e com isso um bom desempenho efetivo e eficiente da prática médica.

A equipe docente utiliza vários métodos de aprendizagem como problematização dos temas, discussões embasadas em cenas curtas com o Paciente Simulado (ator) para cumprir tal objetivo.

A nomenclatura foi a utilizada pelo Prof. Barrows (2000), bem como o feito por autores britânicos: Paciente Simulado designação genérica aplicada a pessoas normais que são treinadas para fazer o papel de um dos integrantes da situação clínica: médico, paciente, familiar, acompanhante, membro da equipe profissional, etc., para fins de ensino e treinamento.

As vantagens de se utilizar o Paciente Simulado neste tipo de laboratório são: complexas situações clínicas poderão ser desenvolvidas e simuladas; os procedimentos poderão ser repetidos muitas vezes, o que seria inaceitável para os pacientes; o erro é permitido e pode ser corrigido de imediato e independente de pacientes reais.

Nesse espaço, os estudantes por meios de cenários clínicos, simulam experiências da vida real que irão encontrar na vida profissional. Seja no boneco ou simulador é possível fazer treinamentos que não poderiam ser feitos sistemática e repetidamente em seres humanos, garantindo o aprendizado. A aprendizagem adquirida diminui a possibilidade de erros e proporciona mais segurança ao enfrentar uma situação real.

O Paciente Simulado é uma ferramenta de ensino-aprendizagem que, está fazendo parte do instrumental didático obrigatório a todas as escolas médicas e hospitais do Brasil. O teatro, nesse contexto, se aproxima da ciência para buscar profissionais da saúde mais humanos, críticos e reflexivos.

ORIGEM DO PACIENTE SIMULADO

A origem do desenvolvimento da técnica de utilização de Pacientes Simulados no ensino e na avaliação das habilidades clínicas associa-se fortemente ao nome do Professor Howard S. Barrows (2000) atualmente, Southern Illinois University of Medicine (Springfield, Illinois, Estados Unidos da América) e se encontra detalhadamente descrita em uma publicação específica.

No início da década de 60, Barrows logo soube que o seu superior, Dr. David Seegal, fazia questão de avaliar os seus residentes e realizava, como parte desta avaliação, a observação detalhada de como um deles tomava uma história clínica completa e realizava o exame neurológico sistematizado (TRONCON, 2007).

Barrows ao se engajar nestas atividades de avaliação, observou que: alguns pacientes se sentiam muito desconfortáveis quando participavam de atividades educacionais; os pacientes não preparados podiam modificar sua história, e até simular sinais, involuntariamente, ou, mesmo, para prejudicar em exames de habilidades clínicas.

E as experiências vividas por ele mostraram que pessoas, modelos profissionais ou atores podiam ser treinados para desempenhar, com bastante realismo, o papel de pacientes, aprendendo a relatar sintomas e a simular sinais ou quadros neurológicos. Estas observações o estimularam a investir de modo sistemático e intenso no treinamento de pessoas normais para protagonizar "casos clínicos", para fins de ensino ou de avaliação, para o que teve grande apoio do Professor Stephen Abrahamson, renomado educador médico norte-americano.

Nas décadas de 1960 e 70, deve-se registrar que, educadores médicos britânicos já utilizavam, sobretudo em exames, pacientes reais "preparados" ou "ensaiados", empregando conceitos e métodos semelhantes aos que formam hoje, a base do treinamento de Pacientes Simulados. O alcance desta difusão, especialmente nos Estados Unidos da América e no Canadá, pode ser apreciado pela informação de que 57% das escolas médicas norte-americanas incluem em seu currículo atividades educacionais com Pacientes Simulados (TRONCON, 2007).

No Brasil, a utilização deste recurso educacional pode ser reconhecida, em graus variáveis, em poucas escolas médicas, sobretudo as que adotam o modelo curricular do "aprendizado baseado em problemas", mas também

em algumas escolas tradicionais. No entanto, é difícil precisar quando e onde se iniciou a utilização de Paciente Simulado no país, pois são escassos os relatos publicados sobre o tema. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP) iniciou o uso de pacientes padronizados no início da década de 1990, primeiramente na avaliação final da disciplina de Semiologia e, logo após, em um programa mais abrangente de avaliação da eficácia do currículo com base nos dados de desempenho dos formandos, que incluíam a realização de exames clínicos objetivos estruturados. Desde então este recurso metodológico de aperfeiçoamento educacional vem sendo utilizado continuamente na instituição, em pequena escala, mas sem interrupção, bem como em outras instituições do Estado (TRONCON, 2007).

Segundo Kaufman (1998), um dos principais objetivos da simulação (dramatização), no contexto da saúde e da relação médico-paciente é desenvolver capacidades no sentido de promover um atendimento médico humanizado em que o paciente não seja visto como um simples número ou doença.

Este tipo de trabalho com o Paciente Simulado ajuda o estudante a enfrentar situações delicadas com o paciente, preparando-os para a realidade prática profissional, além da melhoria na sua comunicação.

O PACIENTE SIMULADO NO LHP DO CURSO DE MEDICINA DO UNILUS

Para que um curso médico possa garantir uma formação adequada é necessário oferecer ao contingente de estudantes um curso que apresente um projeto pedagógico inovador e docentes capacitados e uma assistência ambulatorial e hospitalar que seja eficaz a essa demanda. Para que isso possa acontecer o melhor caminho é determinar o campo de ação e os objetivos desta educação generalista, e definir o perfil do profissional que se quer formar. Uma vez que o produto final de cada instituição de ensino médico é, antes de tudo, um médico generalista na área clínica, abrangente e integradora.

As simulações de situações clínicas para fins de ensino ou de avaliação educacional apresentam atualmente grande difusão e alta diversidade de recursos, o que implica na utilização de diferentes designações para técnicas semelhantes. Torna-se assim útil rever a nomenclatura que tem sido mais habitualmente aplicada para vários tipos de simulação clínica envolvendo pessoas.

O uso das simulações, em geral, vem sendo considerada como um poderoso fator de melhora do desempenho profissional, sem a contrapartida de oferecer risco ou desconforto aos pacientes, em função, sobretudo, da possibilidade que oferece de se aprender com erros, recebendo correções apropriadas.

O Laboratório de Habilidades Práticas do Curso de Medicina do UNILUS foi criado com o objetivo de desenvolver as habilidades e atitudes necessárias para a aquisição das competências exigidas na formação do futuro médico bem como para a valorização do desempenho médico no atendimento clínico das pessoas. Ambiente essencialmente prático onde são desenvolvidos cenários de prática médica.

No LHP a estrutura das disciplinas de Habilidades Práticas é colocada como estações para cada ano de aprendizado, onde em cada estação há um professor (tutor) responsável, que desenvolve o tema de forma extensivamente prática, utilizando manequins e/ou outros materiais quando necessário, e algumas vezes com a ajuda de atores que simulam um paciente.

Quando é usado um ator como Paciente Simulado, o professor (tutor) estuda e seleciona um ou mais casos e juntos prepara a cena, para que as situações possam ser apresentadas aos alunos da forma mais real possível.

Nas aulas, o professor (tutor) apresenta inicialmente o tema da estação, e, em seguida, faz o treinamento prático dos alunos para avaliar o desenvolvimento e o desempenho dos mesmos.

São apresentadas aos acadêmicos propostas para discussão de um problema cujo objetivo é fazer com que os alunos discutam o problema, identifiquem objetivos de aprendizado, estudem e rediscutam o problema face ao aprendizado obtido, bem como de atividades desafiadoras e problematizadoras, que acionem seus esquemas cognitivos: observar, descrever, relatar, dialogar, ler, escrever, comparar, identificar, diferenciar, analisar, sintetizar, deduzir, concluir, julgar, avaliar, propor e comparar hipóteses (PPC, 2004, p.131).

Ao final da aula é feita a avaliação pelo grupo. E esta avaliação consta de três momentos determinados: auto avaliação, avaliação inter pares e avaliação do professor (tutor). Os resultados são anotados em formulário específico.

Também são avaliados com aplicação de provas práticas, no final de cada bimestre, no estilo OSCE (Objective Structured Clinical Examination).

A PESQUISA NO LABORATÓRIO DE HABILIDADES PRÁTICAS

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa utilizando o estudo de caso, considerando a experiência e vivência do pesquisador no LHP e o uso do Paciente Simulado.

O caso estudado foi o LHP do Curso de Medicina do UNILUS, com o objetivo de avaliar a importância do Paciente Simulado como recurso pedagógico na formação do médico, tendo como sujeitos da pesquisa os alunos do 1º ao 5º ano do Curso de Medicina – UNILUS. Foram convidados, aleatoriamente, 10 alunos de cada ano que se dispuseram a responder um questionário, avaliando as práticas com as simulações e também, sua participação e dos colegas nas estações e os professores que trabalham com simulações e Pacientes Simulados.

Os professores, responderam a um questionário com questões abertas e fechadas, sendo que foram convidados apenas os que trabalharam com o Paciente Simulado (atores), sendo também responsáveis (tutores) em cinco estações. Foi avaliado o desenvolvimento de suas estações, a participação dos alunos, além de verificar através da avaliação se houve ou não um melhor aprendizado com este recurso didático pedagógico.

Os resultados obtidos em relação aos alunos demonstraram que houve efetividade do uso do paciente simulado no LHP, indicando a consonância do PPC do Curso de Medicina do UNILUS com as competências descritas nas DCNs. Em relação aos professores, os resultados também apontaram que o uso do Paciente Simulado no LHP é um valioso instrumento pedagógico.

O PACIENTE SIMULADO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O Projeto Pedagógico do Curso e o Plano de Ensino do professor são instrumentos que definem o caminho e as ações a serem desenvolvidas e, pode-se afirmar que, em efetuando a sua gestão de forma adequada e, com uma proposta de organização curricular integradora e flexível, teremos uma educação superior com maior qualidade. Neste contexto, a figura mais importante é o professor, porque sem o seu envolvimento, compromisso e dedicação como principal protagonista do processo educacional não há educação com qualidade (PINTO, 2014).

A ênfase na capacidade de aprendizagem, segundo Mello (2004) é no aprender a aprender, e não mais na aquisição de conhecimentos estáticos e a determinação de mudar a educação inicial e continuada dos professores na direção de uma maior articulação entre teoria e prática (p.23 e 24).

Ainda em Mello (2004), o que muda? Muda o paradigma: a ênfase desloca-se para a aprendizagem. A LDB incorporou esse novo paradigma quando, em comparação com a legislação anterior, deslocou o eixo da liberdade de ensino para o direito de aprender. O direito de aprender concretiza-se quando conseguimos desenvolver no aluno um conjunto de competências definidas pela própria LDB como aquelas necessárias à inserção no mundo da prática social e do trabalho. Essa ênfase nas competências, por sua vez, desloca o trabalho pedagógico do ensino para a aprendizagem, que resulta em desenvolvimento de competências. O produto final busca um cidadão que sabe fazer, agir, ser e conviver em seu entorno social. O conteúdo, portanto, não é mais um fim em si mesmo, mas um meio para desenvolver competências (p.35 e 36).

É preciso, ainda, compreender o que significa ensinar conceitos, construir competências e qual seriam o papel do conteúdo nessa combinação para que as intenções sejam incorporadas à prática. Se o professor não desenvolver em si mesmo estas competências, o trabalho didático estará fatalmente comprometido. Ninguém ensina o que não conhece o que não sabe fazer, ser e conviver (MELLO, 2004, p.37 e 38). Este se torna um grande desafio posto ao ensino superior.

O conhecimento deverá ser mobilizado para construir nos futuros médicos competências que o levem a receber criticamente os meios de comunicação, tais como analisar, relacionar, interpretar e julgar dados, fatos e situações.

Caberá ao professor mediar e transformar o conhecimento científico em conhecimento escolar pela transposição didática. Também deverão estar claramente definidos os resultados esperados, os objetivos de aprendizagem, isto é, as competências desenvolvidas e adquiridas ao final do processo, o que o aluno será capaz de fazer.

Portanto, destaca-se a utilização de metodologias e critérios para acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem do aluno e do próprio curso.

Baseado nos conceitos de habilidades e competências definidos nas DCNs, a utilização do Paciente Simulado no LHP é um valioso instrumento e merece destaque, pois o engajamento ativo do aluno e os comentários formativos sobre sua atuação tem importância no sentido de otimizar o aprendizado.

Para falarmos do Paciente Simulado como instrumento pedagógico temos que entender o significado e onde e como se aplicam estes termos e assim poderemos analisar como introduzi-los também na formação do médico.

O que são instrumentos pedagógicos? Todos os meios ao alcance do profissional da formação que permitem o processo de aprendizagem, através da estimulação dos sentidos. Todos os materiais auditivos, visuais e audiovisuais a que o profissional da formação recorre como meio de comunicação da informação.

Um dos grandes desafios é adaptar a educação às novas tecnologias (internet, a televisão, o rádio, os softwares que funcionam como meios educativos formais ou informais). Dentre eles podemos citar o teatro.

Pode-se afirmar também que não é recente a utilização dos jogos teatrais com fins educativos, que já tiveram a sua contribuição nos processos de ensino e aprendizagem reconhecida por grandes educadores, a exemplo de Comenius e Pestalozzi.

Autores e educadores como Reverbel (1997), Kaufman (1998), Medina e Braga (2010), Troncon (2007), Pezzi e Neto (2008) reafirmam e comprovam em suas ações a relevância do teatro como coadjuvante nos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. O teatro é visto como uma prática passível de, a partir da imaginação dramática, capacitar a pessoa a estabelecer relações entre ideias e sua interação. Se reconhecer na obra, e sintetizar esse processo na busca de compreensão e apreensão de seu mundo.

Práticas com jogos teatrais possibilitaram aos alunos se localizarem e como seres biopsicossociais e, a partir desse posicionamento enquanto seres de cultura, desenvolver-se na sua relação com o mundo. O uso dos jogos teatrais em uma perspectiva pedagógica e subjetiva descreve uma experiência de utilização dos mesmos, como prática pedagógica e se constituem em instrumentos passíveis de utilização com propósitos pedagógicos e, além disso, são agentes capazes de atingir a dimensão subjetiva.

No que se refere ao emprego de Paciente Simulado – dramatização – no ensino, é o treinamento dos alunos em habilidades clínicas que envolvem a interação e a comunicação com paciente, incluindo a obtenção da história clínica e o fornecimento de informações e orientações o que constitui a situação de utilização deste recurso.

O Paciente Simulado como instrumento pedagógico pode ajudar ao ser utilizado para treinamento das habilidades de informar sobre a natureza do sintoma ou da doença subjacente, os procedimentos diagnósticos ou terapêuticos que serão necessários, de informar sobre as particularidades do uso de medicamentos e aplicar recomendações sobre como conseguir maior adesão do paciente.

No treinamento das habilidades de comunicação, além da possibilidade de simular um elenco muito diversificado de situações e de modificar o nível complexidade de modo a atender ao desejado para o estágio de formação do aluno, é possível delinear atividades individuais ou em pequenos grupos de modo a fomentar o relacionamento empático com o paciente.

Outro aspecto de utilizar o paciente Simulado como instrumento pedagógico, é que tem a possibilidade de planejar adequadamente as situações clínicas a que o aluno deve ser exposto e garantir que todos os sejam nas condições desejadas.

O emprego do Paciente Simulado como instrumento pedagógico, oferece amplas possibilidades de preenchimento deste critério, com nítida vantagem sobre a utilização de pacientes reais.

Considerando todos os aspectos tratados, o uso do Paciente Simulado pode ser considerado um valioso instrumento pedagógico ao mesmo tempo em que, pela sua natureza e especificidade, favorece o desenvolvimento de habilidades e competências.

CONCLUSÃO

Considerando os resultados obtidos durante o processo investigativo podemos afirmar que tal objetivo foi alcançado.

O uso do Paciente Simulado mostrou-se um instrumento pedagógico valioso, que vem auxiliar o professor e o aluno no entendimento da vivência prática do futuro médico, sendo um recurso inesgotável pela sua característica de criação e recreação, situações e vivências.

Neste sentido, cumprem-se os requisitos propostos pelo Projeto Pedagógico do Curso de Medicina do UNILUS em consonância com as DCNs.

Com o uso da dramatização, situações “reais” que ocorrem na vida profissional podem ser facilmente absorvidas pelo estudante neste processo onde o conhecimento ativo se produz do enfoque na aprendizagem e não apenas no conteúdo.

Portanto, podemos afirmar que o uso do paciente Simulado no LHP do Curso de Medicina do UNILUS, tem contribuído para a formação do futuro médico, desenvolvendo habilidades e competências que vai além da aula expositiva propiciando uma prática profissional criativa.

Neste sentido o uso do Paciente Simulado também desenvolve a habilidade do professor de medicina em criar, organizar e animar situações de aprendizagem.

Por sua vez o envolvimento dos alunos com sua própria aprendizagem por meio do uso do Paciente Simulado são facilitados pela dramatização, que pode diminuir o estresse do estudante e do médico na atividade profissional cotidiana.

REFERÊNCIAS

- BARROWS, H. S. Simulated (Standardized) patients and other human simulations. Chapel Hill North Carolina: Health Sciences Consortium; 1978.
- BONAMIGO, E. L.; DESTEFANI, A. S. A dramatização como estratégia de ensino da comunicação de más notícias ao paciente durante a graduação médica. Revista Bioética, Brasília. v. 18, nº 3, 2010 (p. 725-742)
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. Brasília: MEC, 2014.
- KAUFMAN, A. Teatro pedagógico – bastidores da iniciação médica. São Paulo/SP: Ed. ÁGORA, 1998.
- MEDINA, M.N.; BRAGA, M. O teatro como ferramenta de aprendizado da física e de problematização da natureza da ciência. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, vol. 27, n.º 2: ago. 2010 (p. 313-333). Universidade Federal de Santa Catarina.
- MELLO, G. N. Educação escolar brasileira: o que trouxemos do século XX? Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PEZZI, L.; NETO, S. P. A importância do teatro na escola. Caderno ABEM (Associação Brasileira de Ensino Médico) volume 4, outubro 2008.
- PINTO, R. M. F. Projeto Pedagógico e Projeto de Ensino. Anotações de aula. Curso de Didática e Pedagogia no Ensino Superior, Mestrado em Clínica Médica, 2014.
- REVERBEL, O. Um caminho do teatro na escola. São Paulo: Scipione, 1997.
- TRONCON, L. E. A. Utilização de pacientes simulados no ensino e na avaliação de habilidades clínicas. Portal de Pesquisa da Biblioteca Virtual em Saúde. Medicina, Ribeirão Preto: 2007.
- UNILUS – Faculdade de Ciências Médicas de Santos. Projeto Pedagógico de Curso, 2010. Doc. Mimeo.